

UM BRINCAR ESPECIAL: A BRINQUEDOTECA E A INCLUSÃO ESCOLAR

A SPECIAL KIND OF PLAY: THE TOY LIBRARY AND INCLUSION IN THE SCHOOL

Eliana Maria Pereira de MENDONÇA¹

RESUMO

Este trabalho realiza uma análise da Brinquedoteca no cotidiano escolar como espaço fundamental na inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais na rede regular de ensino. O trabalho concebe o jogo em sua dimensão histórico social que insere as crianças em seu meio, auxiliando-as em seu desenvolvimento como seres humanos, não como uma alternativa metodológica que visa a aquisição de conceitos. Relato minha experiência com o brincar, ressaltando a importância da brincadeira no processo de inclusão da criança portadora de necessidades especiais, através de algumas concepções sobre o jogo, e o papel da Brinquedoteca escolar. Realizo a seguir um estudo de caso da menina Luana, portadora de paralisia cerebral, destacando suas atividades lúdicas escolares.

Palavras-chave: Brinquedoteca; Inclusão; Paralisia Cerebral; Educação Infantil.

ABSTRACT

This study analyzes the role of the Toy Library in the school environment as essential for the inclusion of special needs children in the regular school. Play is here understood in its social historical dimension, as a means of gathering together and helping them to develop as human beings, not as a methodological alternative for concept acquisition. I tell about my own play experience as a child, underscoring the importance of play in the process of including children with special needs, by means of a review of conceptions of play and the role of the Toy Library in schools. Next, I present a case study of L. a little girl with cerebral palsy, focusing on inclusion through play activities in kindergarten.

Key words: *Toy Library; Inclusion; Cerebral Palsy; Early Childhood Education.*

⁽¹⁾ Pedagoga formada pela PUC-Campinas, 2000. Especialista em Educação Especial.

Introdução

Este trabalho faz uma análise da Brinquedoteca no cotidiano escolar como espaço fundamental na inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais na rede regular de ensino, ressaltando a importância das atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem. Não desejo com isto enfatizar o jogo como uma alternativa metodológica que visa a aquisição de conceitos, mas perceber o jogo em sua dimensão histórico social que insere as crianças em seu meio, auxiliando-as em seu desenvolvimento como seres humanos.

O interesse por este tema iniciou-se com o estágio realizado na Brinquedoteca da PUC-Campinas durante o curso de Pedagogia, em seguida, pelas experiências vivenciadas na Brinquedoteca Mundo da Criança em Itajubá Minas Gerais e, posteriormente, durante o curso de Especialização em Educação Especial pelas atividades lúdicas partilhadas com crianças portadoras de necessidades especiais na escolar regular. Durante este percurso, pude perceber a importância do brincar como instrumento de formação social, cultural, psicológica e intelectual do ser humano. A criança se desenvolve brincando. Segundo Vygotsky (1991, p.117), "*o brincar contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento*".

Minha Experiência com o Brincar

Minha experiência com o brincar foi revivida na Brinquedoteca da PUC-Campinas, durante meu estágio do curso de Pedagogia no ano de 1996, e se tornou um marco na minha vida. O espaço da Brinquedoteca foi muito mais revelador do que eu poderia imaginar. Primeiro porque fiquei totalmente seduzida por aquele cenário. Algumas crianças brincavam tão seriamente com seus carrinhos, bonecas, super-heróis, enquanto outras dançavam fantasiadas vivenciando personagens no teatro, contando histórias com

fantoches, e tudo mais que podiam e queriam criar. E criavam: desenhos, colagens, pinturas, dobraduras. Tudo isso e muito mais, ao som de cirandas que faziam daquele pequeno porão um local imenso de alegria e felicidade. Ali naquele mundo de faz de conta, as crianças aprendiam a ser grandes. Aprendiam a grandeza de ser.

Segundo, porque a Brinquedoteca se revelou um fragmento da minha infância. Fui criança que brinquei para valer. Éramos cinco irmãos pequenos, morando em uma casa enorme. Nossa casa era cheia de lugares fantásticos; porão, campo de futebol, varandas, lareira, bananeiras, pereiras, abacateiros, amoreiras etc. Tínhamos muitos amigos e sempre nos reuníamos para brincar. Brincar de pique-esconde, amarelinha, pique-bandeira, futebol, queimada, e muitas outras brincadeiras de infância. À noite, reuníamos para brincar no escuro. Apagávamos as luzes de uma parte da casa e brincávamos de esconde-esconde.

Outra grande aventura era o carrinho de rolimã. Descendo ladeira abaixo muitas vezes não conseguíamos fazer a curva e parávamos no meio da rua. Foram muitas pernas, braços e rostos ralados. Também com pedaços de papelão descíamos a ribanceira de tabatinga. Como não podíamos frear, parávamos dentro de um pequeno riacho. Parecíamos catadores de caranguejo. Meu pai foi o grande incentivador para que uma infância fosse tão saudável. Ele nos levava a passear por uma mata próxima e fazia dela um lugar povoado de gnomos, fadas, reis e rainhas. Qualquer pequeno buraco na terra era logo transformado em cavernas e palácios repletos de magia e encantamento. A noite escura de Teresópolis brilhava, como também a rua deserta, cheia de vaga-lumes, que colocávamos em vidros e depois soltávamos no quarto escuro. Minha irmã dizia que os vaga-lumes "iluminavam seus sonhos". No quintal tinha um abacateiro muito alto. Em seus galhos meus irmãos construíram uma casinha de bambu, coberta de sapé. Passávamos horas e horas brincando. Fazíamos comidas e doces de açúcar, manteiga e chocolate e servíamos a quem viesse nos visitar. Comiam disfarçando a cara feia. Tudo era motivo para a

gente festejar. Fazíamos festas juninas, carnaval, campeonatos de futebol e vôlei e lindas festas de Natal. Enfeitávamos a casa toda de papéis coloridos e também a árvore de Natal. Trazíamos musgo, pedras, orquídeas nativas, pedacinhos de tronco de árvore, para construir nosso presépio dentro da lareira. Ficava lindo! Na noite de Natal rezávamos juntos e eu agradecia a Deus por meu pai, minha mãe, meus irmãos e por minha infância cheia de brinquedos e brincadeiras e muita, muita alegria.

No decorrer do curso de Pedagogia realizei um projeto de Brinquedoteca na cidade Itajubá, Minas Gerais. A necessidade em estar criando em Itajubá a Brinquedoteca Mundo da Criança surgiu da constatação de que poucas são as áreas de lazer infantil na cidade. A cidade carece de parques, praças com brinquedos, programas culturais (teatro infantil, musicais, shows, etc.). Também resgatar o espaço da brincadeira tradicional na vida das crianças. A Brinquedoteca é constituída de dois espaços. Um localizado dentro da cidade e outro no Sítio Jatobá. Na cidade a criança encontra a sua disposição cantinhos temáticos com o objetivo de favorecer a brincadeira através do mundo do faz de conta. São eles: Cantinho da casa da boneca, do carrinho, dos jogos de construção, teatro, fantoche, sucatoteca, leitura, maquiagem, música, dos jogos de regras. No Sítio são desenvolvidas atividades de correr, pular, escalar, jogar, como também atividades com água, areia, tinta, argila que mesmo podendo ser feitas internamente, são mais livremente realizadas em área externa de maior proporção. As crianças poderão brincar também na casa da boneca, casa da árvore piscina, campo de futebol e *play-ground*. Participam de oficinas (confecção de brinquedos de sucata, mágica, música, histórias e outras) que têm como objetivo proporcionar experiências criativas explorando a imaginação. Além disso, o contato com a natureza, animais, plantio de hortas, passeio a cavalo e outras atividades proporcionam horas felizes a todas as crianças. Essas atividades são agendadas junto às escolas e pais pela coordenação e equipe da brinquedo-

teca. No entanto, mais importante que os brinquedos é a necessidade de se inculcir em cada um o espírito da brinquedoteca. Segundo Cunha (1994, p. 23): “*O importante não é ter um grande número de brinquedos, mas sim, um grande número de experiências lúdicas*”.

Durante os cinco anos vividos dentro da Brinquedoteca, muitos foram os momentos que convivi com crianças portadoras de necessidades especiais. A princípio grande foi o desafio. Então, busquei complementar minha formação acadêmica em Pedagogia com conteúdos que possibilitassem melhor compreensão da Educação Especial. Mas o que mais facilitou essa compreensão e a interação com as crianças foi a brincadeira. Acontecia espontaneamente. Aos poucos barreiras eram quebradas e muitas possibilidades se manifestavam. A criatividade e o imaginário falavam alto e situações lúdicas eram criadas e recriadas, enriquecendo cada vez mais a brincadeira. Desta forma aquilo que a princípio parecia-me muito difícil ia aos poucos transformando-se em conhecimento, afeto, solidariedade. A brincadeira possibilitava a expressão e maior compreensão dos desejos e necessidades do outro. Possibilitava o desvelamento de potencialidades até então não percebidas e não exploradas.

A Brinquedoteca no Processo de Inclusão Escolar

Mais tarde, no curso de Especialização em Educação Especial, tive a grata oportunidade de analisar o cotidiano escolar de uma escola municipal de Campinas, onde pude presenciar verdadeiras lutas de profissionais da educação em favor da efetiva inclusão e ao mesmo tempo negação, pois, apesar de ressaltarem seu valor, não reconhecem como sua a responsabilidade de educar crianças portadoras de necessidades especiais.

“Acredito que a inclusão escolar seja importante para o desenvolvimento do aluno com necessidades especiais, desde que

haja também atendimento em instituições especializadas na deficiência apresentada. Na minha opinião, este atendimento especializado é essencial, sem o qual a inclusão escolar por si só não oferece condições para o aluno desenvolver-se satisfatoriamente. Também acho que o professor que atende esses alunos deve ter uma capacitação para esse trabalho, pois, do contrário, não poderá fazer muito pelo aluno”(professora de educação infantil).

Foi também através desta pesquisa, que pude analisar a Brinquedoteca escolar como alternativa para uma melhor inserção da criança especial com profissionais da educação, assim como colegas de classe, pois as crianças se desenvolvem através das interações que estabelecem com o ambiente e com outros sujeitos. A escola é espaço fundamental para que esse processo ocorra. A educação escolar é um direito de todos e para educadores e governantes um dever a ser cumprido.

Os preceitos constitucionais determinam que o direito à educação das pessoas portadoras de deficiência deverá ser garantido pelo Estado por meio de um “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (artigo 208, Inciso III, da Constituição Federal). O artigo 20, da Lei Federal n.º 7.853, de 1989, que dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiência, também explicita que “Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação”. Além de “A oferta, obrigatória e gratuita, da Educação Especial em estabelecimentos públicos de ensino”, bem como “A matrícula compulsória, em cursos regulares de estabelecimentos públicos e particulares, de pessoas portadoras de deficiências capazes de se integrarem no sistema regular de ensino”. Mas como se sabe, esses direitos já contemplados nas principais leis brasileiras precisam ser assegurados na prática, por meio de medidas concretas. Segundo a Declaração de Educação Para Todos (1990):

A educação básica deve ser proporcionada a todas as crianças, jovens e adultos. Um compromisso efetivo para superar as disparidades educacionais deve ser assumido. Os grupos excluídos – os pobres; os meninos e meninas de rua ou trabalhadores; as populações das periferias urbanas ou áreas rurais; as minorias étnicas, raciais e lingüísticas; os refugiados; os deslocados pela guerra; e os povos submetidos a um regime de ocupação – não devem sofrer qualquer tipo de discriminação no acesso às oportunidades educacionais. As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiência requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo.

O sistema de ensino regular precisa aos poucos adequar-se à nova ordem, construindo um projeto pedagógico inclusivo que garanta a qualidade de ensino não só para os portadores de necessidades especiais mas para todos do ensino regular. Incluir a criança não significa apenas aceitá-la na sala de aula mas proporcionar atividades significativas capazes de promover seu desenvolvimento, diminuindo barreiras e possibilitando sua participação na aprendizagem. A Brinquedoteca escolar deve ser parte integrante deste projeto pedagógico inclusivo por ser local de construção de conhecimento através das interações estabelecidas entre a criança, o ambiente e seus pares. Vygotsky (1988) enfatiza o fator social no jogo, demonstrando que, no jogo de papéis, a criança cria uma situação imaginária, incorporando elementos do contexto cultural adquiridos por meio da interação e comunicação. O jogo constitui-se, para o autor, no elemento que irá impulsionar o desenvolvimento dentro da zona de desenvolvimento proximal. “No brinquedo, a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de

uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências de desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento” (p.22). Segundo este mesmo autor a brincadeira tem início quando a criança tenta utilizar-se dos objetos como os adultos (montar cavalo, dirigir o trem). Após essa fase a criança incorpora as relações sociais envolvidas na ação (a criança brinca de ser o maquinista e relaciona-se com diferentes sujeitos que estão no trem). Essas relações são reguladas por regras implícitas de comportamento e sobre esta base, surgem os jogos com regras, como amarelinha, esportes e outros. E, ao promover uma situação imaginária, a criança desenvolve a iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais. As atividades lúdicas ajudam as crianças a conhecerem o mundo, desempenhar papéis sociais vivendo, reconhecendo e transformando a realidade que as cerca.

Não dá para separar a criança do comportamento lúdico, pois esse faz parte de sua natureza. Encontramos o jogo desde as mais distantes origens até hoje. Huizinga (1993) afirma que antes de a espécie humana tornar-se “faber” ou “sapiens”, ela já era “ludens”. Nas palavras do autor: “...é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve” (prefácio). Isto é: tão essencial quanto o raciocínio e a fabricação de objetos, a ludicidade está na base do surgimento e desenvolvimento da civilização.

Elkonin (1998, p.80) relata o aparecimento do jogo como atividade social. “O jogo nasce no decorrer do desenvolvimento histórico da sociedade como resultado da mudança de lugar da criança no sistema de relações sociais. Por conseguinte, é de origem e natureza sociais”.

Porém, existe uma certa resistência por parte dos professores quanto ao brincar livre e espontâneo. A brincadeira é vista dessa forma como passatempo, destituída de valores educativos. Sendo assim, apenas os jogos “educativos”, aqueles destinados ao desenvolvimento cognitivo, são valorizados nas escolas. As atividades lúdicas são utilizadas como um momento de lazer, desprovidas de valor

pedagógico. O jogo só é valorizado como recurso pedagógico se trouxer de forma explícita, a aquisição de conteúdos didáticos. As brincadeiras livres ficam ausentes deste modelo que prioriza a escolarização, aquisição da leitura, escrita e cálculo. Na sociedade atual caracterizada pelo trabalho que gera lucro e consumo, o jogo é visto como uma atividade não produtiva. Uma “brincadeira” que não merece ser levada a sério. Isto é: uma ação irrelevante associada a nada que tenha valor para a vida humana. Isto se evidencia na escola onde as atividades lúdicas estão mais presentes na educação infantil, pois, nesse período, a criança vai à escola só para brincar. Mesmo assim, a preocupação com os conteúdos pedagógicos é o principal objetivo a ser alcançado.

“Na minha escola a brincadeira é muito utilizada como recurso do trabalho pedagógico, através do qual se visa atingir a aprendizagem de conceitos, conhecimentos, noções e habilidades, numa ação orientada e dirigida.” (Professora de educação infantil)

Neste trabalho, o brincar é visto como elemento constitutivo do ser humano que possibilita seu desenvolvimento, um espaço para experiências e aprendizagens, de interação, de sociabilidade, de construção, de internalização de valores, manifestações afetivas e solidárias. Pois brincar é ação, criação, participação e transformação. Concebendo o brincar dessa forma é que acredito ser a Brinquedoteca escolar local essencial ao processo de inclusão da criança portadora de necessidades especiais na escola regular.

A Brinquedoteca no Contexto Escolar

A grande maioria das escolas está preocupada na transmissão de conteúdos, não percebendo que muitos deles poderiam ser aprendidos sem tanto trabalho, com um simples resgate das atividades de brincar. Isso não significa dizer que todos os conhecimentos da escola deveriam ser trabalhados através de

brincadeiras, pois estas perderiam o sabor do prazer.

A proposta de Pascoal (1998, p. 201) é que:

...o lúdico impregne todo o currículo escolar e que seja tratado em todas as disciplinas. Enfim, que a escola tenha uma postura baseada na ludicidade. Mas, isso não se refere a “fantasiar de lúdico” o processo educativo, utilizando toda a parafernália de recursos pedagógicos. É importante a alegria nesse jogo de saber, esvaziando-o de todo e qualquer tratamento utilitarista, como o de fazê-lo apenas ser uma maneira eficaz de enfiar “goela abaixo” do aluno o conteúdo maçante.

Muitas brincadeiras trazem no seu bojo, conteúdos que acabam sendo internalizados justamente por estarem presentes em determinadas atividades lúdicas. Cabe à escola incentivar a brincadeira, criando espaços e momentos para que a criança possa realizá-la prazerosamente enquanto sujeito que é do processo de conhecimento. Algumas brincadeiras aparentemente simples, como as rodas cantadas, permitem a aquisição de conceitos importantes que de outra forma tornar-se-iam mais difíceis. Tal facilidade pode ser explicada pela vivência, ou ação, da criança durante o jogo. Sendo assim, quando se solicita a um grupo de crianças que se faça uma roda, imediatamente elas se reúnem na forma circular, não ocorrendo outras formas de agrupamentos tais como quadrados, retângulos, triângulos, etc. Em contrapartida é difícil ensinar o conceito de círculo expondo apenas oralmente a idéia, pois ela é muito abstrata. Khishimoto (1994, p.53) lembra que: “A vivência de situações lúdicas ao permitirem a ação, contribuem para uma aprendizagem mais prática e significativa”.

Uma simples gangorra de um parque infantil oferece noções de peso, equilíbrio, velocidade, e outras; o balanço além da idéia de pêndulo desenvolve a idéia de força, e o escorregador é um exemplo de plano inclinado. As crianças, durante as brincadeiras, aprendem na prática conhecimentos que levamos anos para ensiná-las teoricamente. A “amarelinha”, como é

chamada uma das brincadeiras mais tradicionais, pode permitir a compreensão de idéias de quantidade, seqüência, ordem crescente e decrescente, números pares e ímpares, figuras geométricas quadrado, (retângulo, triângulo, semi círculo). Esse jogo também serve para introduzir, no repertório infantil, conceitos de lateralidade como frente, trás, direita, esquerda, dentro e fora, importantes para a localização no espaço físico e geográfico. Diversos tipos de “dominós” e de “jogos de memória” prestam-se ao ensino da classificação ou categorização, iniciando o trabalho de conjuntos. Seu uso pode ser estendido às áreas de Língua Portuguesa, Ciência, Geografia e História. Dessa mesma forma pode ser utilizado o “bingo”, jogo através do qual podem ser trabalhados inúmeros conteúdos que vão desde a construção das primeiras palavras, as dificuldades ortográficas, as operações matemáticas, até os nomes de cidades, países, acidentes geográficos, personagens e fatos históricos, animais e inúmeras outras coisas.

Os exemplos citados mostram como as brincadeiras podem ser aproveitadas pelos educadores para ensinar diversos conteúdos. Mas o brincar não poderá estar limitado a isso de forma nenhuma. Segundo Fontana (1997, p.139):

Brincar é, sem dúvida uma forma de aprender, mas é muito mais do que isso. Brincar é experimentar-se, compreender-se, confortar-se, negociar, transformar, ser. Na escola, a despeito dos objetivos do professor e de seu controle, a brincadeira não envolve apenas a atividade cognitiva da criança. Envolve a criança toda. É prática social, atividade simbólica, forma de interação com o outro. Acontece no âmago das disputas sociais, implica a constituição do sentido. É criação, desejo, emoção, ação voluntária.

É principalmente nas atividades de faz-de-conta, quando são representados papéis, como na “brincadeira de casinha”, por exemplo muitas vezes desprezada pela escola, que se observa a criança, pois ela se desvela, se mostra em suas alegrias e preocupações, buscando muitas vezes

no brincar a solução para os seus problemas. Quando ao brincar de “escolinha” uma criança representa o papel de professor ou aluno, ela representa e conhece uma realidade que ela percebeu, internalizou e exteriorizou ludicamente. A esse respeito Bettelheim (1988) nos mostrou que através da brincadeira é possível perceber como a criança vê o mundo, pois tudo aquilo que é impedida de realizar no seu cotidiano, o faz simbolicamente durante a brincadeira. Para o pesquisador, “a criança testa na brincadeira sua capacidade de satisfazer as necessidades interiores na realidade; mas se a realidade não se presta a isso, ou se exige obediência demasiada, a brincadeira é interrompida, e a criança retira-se da fantasia” (p.212).

É importante que os educadores estejam atentos a isso, aproveitando atividades livres, participativas e criativas, oferecendo à criança a oportunidade de vivenciar situações nas quais ela se sinta estimulada e desafiada a aprendizagens futuras. Macedo (1995), ao discutir a importância do jogo na escola, considera que esta pode ser considerada uma experiência fundamental ao indivíduo, pois possibilita maior intimidade com o conhecimento, construção de respostas por meio de um trabalho lúdico, simbólico e operatório integrados. “O jogo tem um sentido espiritual, filosófico, cognitivo, cultural, simbólico e operatório” (p.17).

Muitas escolas, de modo especial as particulares, têm se mostrado preocupadas em criar espaços para brincar. Em algumas, porém, as Brinquedotecas não passam de depósitos de materiais didáticos, onde os alunos e professores quase não têm acesso. No entanto, as pesquisas, quando analisam o papel do jogo na escola e na prática cotidiana, revelam que este prevalece como atividades didáticas. Ou utilizadas como passatempo, descanso de atividades, ou no “aprender brincando”, possui uma importância secundária e à medida que a criança progride nas séries, o tempo para brincar e os brinquedos vão diminuindo. A preocupação com as exigências

da sociedade faz com que as escolas desrespeitem as crianças no seu direito de brincar. A escola deveria aproveitar-se dos conteúdos dos jogos, utilizando-os em projetos pedagógicos. O professor tornaria mais significativa sua prática valorizando todos os tipos de jogos. Garantir o espaço do jogo de forma ampla é garantir a construção de conhecimentos significativos.

Estudo de Caso

Luana² nasceu em 21 de janeiro de 1998 na cidade de Campinas no Estado de São Paulo. Seus pais, bem jovens, vivenciavam muita expectativa, pois esta seria a primeira filha do casal, e, além disso, durante a gestação a mãe contraíra rubéola e temia pelas conseqüências decorrentes. Prematuramente, com apenas 24 semanas de gestação, entrou em trabalho de parto normal e Luana nasceu pesando 700 gramas com 28 cm de estatura. Segundo o prontuário médico, apresentava má formação das conchas auditivas, tanto à direita quanto à esquerda, e pé torto vertical bilateral, sendo mais acentuado à direita. Permaneceu na UTI neonatal, em estufa, recebendo alimentação via sonda, cateterizada em veia umbilical (até o 12º dia) e entubada (até o 46º dia). Apresentou várias complicações tais como: hipoglicemia, icterícia, choque séptico, infecção hospitalar e secreção ocular por pseudomonas. Seu peso passou a 590 gramas com perímetro cefálico de 22,5 cm e torácico 19,5 cm. Recebeu 1,5 no teste Apgar na primeira hora e 3,0 nas seguintes. A mãe de Luana relatou em entrevista que muitas vezes os prognósticos médicos foram baixos com relação à sobrevivência da menina, mas ela nunca perdeu a esperança na sua recuperação. “Foi por Deus... muitas vezes os médicos disseram que ela não resistiria por muito tempo... sofri muito... eu dormia nos corredores do Hospital e só ia embora quando recebia a notícia de que ela havia melhorado” (Teresa³, mãe de Luana). Teve alta hospitalar

⁽²⁾ Nome fictício

⁽³⁾ Nome fictício

após 90 dias de internação. Luana estava com dois quilos e 50 gramas e 30 cm de estatura. *“Fiquei muito feliz quando cheguei ao Hospital e as enfermeiras brincaram comigo dizendo: já veio ela buscar nossa menina! Mas também foi um momento muito difícil. Os médicos disseram que não sabiam se ela ia andar e falar, e que teria atraso no desenvolvimento. Ouí isso... peguei minha filha ... e fui embora. Quando cheguei em casa fiquei muito nervosa. Luana não mamava, ela não conseguia sugar, chorava muito, não dormia. Minha mãe foi quem me ajudou... se não fosse ela nem sei o que eu ia fazer”*.

Outro fato que deixou Teresa muito insegura, segundo ela, logo após a chegada de Luana em casa descobriu que estava grávida do seu segundo filho. *“Fiquei apavorada, pensei que tudo ia acontecer novamente. Mas o irmão dela nasceu bem... minha mãe continuava me ajudando muito... ela criava a Luana enquanto eu tomava conta do irmão dela”*. Luana retornou ao hospital algumas vezes, pois teve convulsões e pneumonia. Hoje está com 4 anos e nove meses e sua mãe relata que apesar das dificuldades tudo está melhor. Em sua vida diária apresenta-se dependente: para uso de talher, escovar os dentes, vestir e despir, e treinamento de esfíncter. Gosta de música, TV, natação, de brincar no parque, andar em triciclos adaptados, e brincar com o piano. Apresenta aparente capacidade de compreensão, apesar das dificuldades de comunicação e expressão. É uma criança tranqüila e sociável. Interessa-se pelo meio ambiente e escolhe suas atividades. Freqüente escola regular e a família é bastante participativa.

Luana na escola

Aos 4 anos de idade, Luana foi matriculada no Maternal III de uma escola municipal de Campinas, São Paulo, em um bairro distante. Luana chega a escola às 8:00 horas trazida por familiares. Como Luana não anda ela se locomove pela escola em um carrinho ou vai engatinhando. É recebida pelos colegas que engatinham junto ou empurram seu carrinho.

Ao chegar a sala de aula, após o bom dia da professora, as crianças colocam cartelas com o nome no mural de presença colado na parede. Luana também coloca o seu. A professora da classe relata que a princípio ficou muito angustiada com a notícia de que teria uma criança portadora de necessidades especiais em sua classe. *“No início fiquei muito assustada com o fato de ter uma aluna com necessidades especiais, pois não possuo preparação para isto. Mas com ajuda da professora itinerante estamos buscando a melhor maneira de integrá-la à dinâmica pedagógica. Ela vem se integrando bem ao grupo e esta socialização contribui para o seu desenvolvimento.”* (professora da Luana)

As atividades escolares são divididas em períodos. Das 8:00 às 9:30 horas, as crianças realizam tarefas em sala de aulas referentes aos conteúdos escolares. Por exemplo: cores, números, letras, folclore entre outros. Neste período Luana fica sentada em uma mesinha junto de outros colegas e recebe ajuda da professora da classe e da professora itinerante, que adapta alguns materiais para melhor atender suas necessidades.

Após essas atividades as crianças vão para o refeitório para lanche. Luana vai acompanhada pela colega que foi designada “ajudante do dia”. Isto porque há muitos atritos entre as crianças pela disputa de ajuda à Luana. Todos querem ajudar ao mesmo tempo. No refeitório, senta-se à mesa junto às outras crianças. A professora itinerante incentiva Luana a comer sozinha, mas também apóia sua mão ajudando-a a levar a comida até a boca. Utiliza-se também de um copo com bico sugador, o que facilita a ingestão de líquidos. Alguns alimentos, de difícil mastigação, são trocados. Por exemplo, o pão sovado é trocado por bolacha. Após o lanche, as crianças são encaminhadas ao banheiro para escovação dos dentes. Luana adora escovar os dentes. Neste momento fica em pé frente ao lavatório amparada pela professora que a auxilia na escovação. Depois brinca um pouquinho com a água que escorre da torneira.

O próximo período escolar é reservado às atividades lúdicas que são divididas de acordo com os dias da semana. Na segunda-feira brincam no pátio externo da escola; na terça-feira, vão para o parque interno; quarta-feira é dia de atividades na sala de TV; quinta-feira brincam na brinquedoteca; e sexta-feira realizam atividades no galpão da escola. As atividades realizadas nos pátios internos e externos são jogos onde são utilizados brinquedos de parque. O brinquedo que Luana mais gosta é o gira-gira. Chegando ao parque brinca um pouco com a areia, mas logo se encaminha ao gira-gira. Esforça-se para subir sozinha, mas ainda precisa da ajuda e do incentivo da professora, que apóia seus movimentos em busca de autonomia.

Vilar (2000, p. 14) nos coloca que:

A brincadeira é um meio de atuação onde a criança pode ser verdadeiramente autônoma. Estabelecendo sua vontade e submetendo-se ao querer do outro, enfrentado conflitos, compreendendo o mundo e a cultura que lhes são impostas pelo convívio social em uma linguagem que lhe é própria – a brincadeira. Favorecer a autonomia da criança é dar-lhe condições e oportunidades de brincar.

O escorregador também é um grande desafio que desperta muito prazer. As outras crianças, ao verem Luana escalando o brinquedo logo formam uma fila para subirem também. Quando Luana chega ao chão as crianças batem palmas. Ela sorri de felicidade. Brincar de pega-pega entre os túneis coloridos engatinhando com as colegas é motivo de muita excitação e movimentos rápidos para conseguir acompanhar o grupo. Na sala de TV assistem fitas infantis. A que Luana mais gosta é o musical da Xuxa. Assiste com atenção, dança sozinha e com as outras crianças, batem palmas, brincam de roda e depois vão todos descansar. A professora fala baixinho, convidando todos a dormir um pouquinho. Luana acompanha a brincadeira.

Quinta-feira é dia de brincar na Brinquedoteca. A Brinquedoteca da escola foi organizada em um canto temático que é a casa da boneca,

composta por três ambientes: cozinha, sala e quarto. Espalhados por estes cantos estão mobiliários e utensílios próprios do tema e diferentes brinquedos. Possui também um cantinho para fantasias. Como podemos ver, é um local simples, mas rico em ludicidade. Luana engatinha por todos os cantos. Sua participação nas brincadeiras estruturadas pelas crianças ainda pequena, nesse momento que o professor deve juntar-se às crianças buscando enriquecer a brincadeira, fazendo do espaço pedagógico local inclusivo rico em desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Para Lima (1991, p. 29):

A observação das brincadeiras possibilita ao educador conhecer os interesses de seus alunos, podendo perceber o nível de realização em que elas se encontram, as interações que estabelecem, sua habilidade para conduzir-se de acordo com as regras do jogo, assim como suas experiências do cotidiano e as regras de comportamento reveladas pelo jogo de faz-de-conta.

As crianças gostam de brincar com os adultos pois eles podem elevar a ludicidade das atividades, tornando-as mais estimulantes e ricas em aprendizado. Luana vai alternando a exploração de diferentes brinquedos que encontra pelo chão. Adora a boneca. Abraça, balançando-a para fazê-la dormir, ou empurra o carrinho. Segundo Cunha (1988, p. 14):

As bonecas são imprescindíveis porque dão à criança a oportunidade de exercer poder sobre ela, de sentir-se forte e grande como um adulto, de repreender, de superproteger, de castigar, de cuidar, de amar ou rejeitar. Como objetos de afeto, fazem companhia e transmitem segurança. O brinquedo com bonecas dá a oportunidade de amadurecer através da elaboração de sentimentos e da vivência do papel do adulto.

Essas brincadeiras de faz-de-conta são os jogos simbólicos. Representações de objetos ou situações ausentes. O que a criança vivencia em nível simbólico possibilita sua compreensão da

realidade. Ela faz uso do brinquedo como suporte e apoio do processo de simbolização, o que não significa que esses objetos sejam idênticos aos da realidade.

Vygotsky (1996) afirma, no entanto, que na situação do faz-de-conta não é qualquer objeto que pode substituir outro, a criança ao brincar submete seu comportamento a regras determinadas pelas idéias e não pelos objetos. *“No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo”* (p.111).

As manifestações de afeto, cuidado e solidariedade entre as crianças e Luana são constantes durante o período escolar, mas é nas horas de brincadeira que se tornam mais evidentes. De acordo com Vilar (2000, p.5):

A afetividade é o motor da aprendizagem, pois, evidencia o querer, uma busca de satisfação dos desejos; o estabelecimento de vínculos saudáveis positivos leva a criança a construir uma auto-imagem positiva, promovendo a socialização e percebendo diferenças que existem no grupo, passando a interagir dentro de um espírito cooperativo e solidário.

Essas interações entre os portadores de deficiências e seus pares, sejam adultos ou crianças, promovem um enriquecimento da conduta humana de respeito à diferença. Também através da brincadeira o educador tem a oportunidade de observar e de estabelecer um contato mais íntimo com a criança portadora de necessidades especiais. Pois, ao brincar, a criança revela seu interior, conflitos e medos e manifesta preferências. Brincando ela diz o que pensa e sente. França-Wajskop (1995) considera que a brincadeira poderá configurar-se como espaço de diagnóstico dos interesses e necessidades infantis e se afetos, por meio das interações entre crianças e adultos, possibilitando a criação de um vínculo com o trabalho nas diferentes áreas do conhecimento.

Dando continuidade às atividades lúdicas, a sexta-feira é o dia de as crianças brincarem no galpão. É lá que o professor enriquece sua prática pedagógica inserindo as brincadeiras tradicionais ao currículo da escola, ao brincarem de “amarelinha”, “ovo-choco”, “rodas e cirandas”, entre outras. As brincadeiras tradicionais são, segundo Friedmann (1999), aquelas que nos foram transmitidas por gerações anteriores à nossa ou aprendidas com colegas. São jogos que aconteciam na rua, no parque, na praça, dentro de casa, ou no recreio da escola. Eles são importantes porque ilustram a cultura local e promovem o resgate do patrimônio lúdico humano. Sendo assim os professores devem desvelar seu universo lúdico, seus jogos de infância e também socializar as brincadeiras preferidas das crianças.

Ao fim dessas atividades as crianças retornam à sala de aula, pegam suas mochilas e esperam a chegada de seus pais para irem para casa. *“Quando venho buscar minha filha percebo o quanto a escola tem sido boa para ela. Ela está muito mais feliz agora”* (Teresa, mãe da Luana).

Para que Luana participe, às vezes é necessário adaptar algumas regras, o que não prejudica nem um pouco o desenvolvimento da atividade. As crianças aceitam muito bem as novas regras, sabendo que poderiam mudar para favorecer a participação de Luana. O espaço escolar que pretende ser inclusivo deverá ser reflexivo, pesquisador e questionador de pressupostos estabelecidos visando buscar alternativas necessárias a sua adequação a inclusão, respeitando as necessidades de todos envolvidos na aprendizagem.

Um exemplo: *a Brincadeira da Cadeira*.

Na Brincadeira da cadeira, a princípio, as crianças deveriam correr ao redor de várias cadeiras enquanto ouviam uma música que ao parar deveriam rapidamente sentar. A criança que não conseguisse encontrar uma cadeira para sentar-se estaria fora da brincadeira. Assim sucessivamente até o vencedor. Para que Luana participasse da brincadeira, ficou combinado que ao invés de correrem, as crianças engatinharam

e quando a música parasse colocariam as mãos sobre o assento da cadeira. Luana não realizou a brincadeira segundo as regras, mas participou engatinhando junto com as crianças.

Outro exemplo: *Terra e Mar*.

Sob o comando da professora, as crianças, ao ouvirem a palavra mar, deveriam pular para o lado direito de uma linha traçada no chão. Ao ouvir a palavra terra, deveriam pular para o lado esquerdo da linha. À medida que erravam iam saindo até ficar o vencedor. Essa brincadeira foi adaptada da seguinte maneira: foi traçado um círculo no chão e as crianças sentaram ao seu redor. O ouvir a palavra terra, as crianças colocavam as mãos dentro do círculo e ao ouvir a palavra mar colocavam as mãos no lado de fora do círculo.

As atrações seguintes foram brinquedos como Pula-Pula e Piscina de Bolinhas. Devido ao extremo cuidado com Luana, a professora colocou-a sozinha na piscina de bolinha com medo de ser machucada por outras crianças. Luana ficou sentada olhando interagindo pouco com o brinquedo. Burlando ordens, as crianças entraram na piscina e começaram a brincar. A postura de Luana mudou. Começou a se movimentar, deitando sobre as bolas, tentando pegá-las demonstrando um prazer muito maior.

Em muitas brincadeiras, a Luana não segue as regras propostas, principalmente quando as atividades exigem muita rapidez. Participa de forma diferente, demonstrando grande interesse e satisfação. Luana é parte do grupo. Incluir não significa reservar um espaço de observação passiva para o deficiente na escola, mas integrá-lo de forma que seja parte do processo educacional.

Mais uma vez torna-se evidente que, se desejamos a participação verdadeira de nosso aluno, temos que ter presente, dentro de nós educadores, o espírito lúdico. Isso significa ir além da criação de brincadeiras. Significa arregaçar mangas, dobrar barras de calças, quebrar barreiras, sentar no chão, rolar, correr pular. Ludicidade é alegria, prazer, desejo e

emoção. Significa ser espectador e ator, brincando e deixando brincar. Incluindo sempre, excluindo nunca, inovando e transformando, sem preconceitos e estigmas.

Ao fim das atividades deste dia, as crianças sentaram-se no pátio para comerem algodão doce. Luana demonstrava ansiedade, tentando engatinhar para ficar na frente e, conseqüentemente, receber logo o seu. Desfrutou com prazer o algodão-doce, que escorria pelo braço pingando na roupa. Foi uma delícia!

De acordo com a Declaração de Salamanca “*O desafio que enfrentam as escolas inclusivas é de desenvolver uma pedagogia centralizada na criança, capaz de educar com sucesso todos os meninos e meninas, inclusive os que sofrem de deficiências graves. O mérito dessas escolas não está só na capacidade de dispensar educação de qualidade a todas as crianças; como sua criação, dá-se um passo muito importante para tentar mudar atitudes de discriminação, criar comunidades que acolham a todos e sociedades inclusivas*”.

Conclusão

A educação inclusiva pressupõe a possibilidade de a criança portadora de necessidades especiais exercer o direito à educação igual a todas independentes de diferenças sociais, econômicas, culturais ou de deficiências. A eliminação do preconceito possibilita acesso ao conhecimento sem segregação em atendimentos especializados. Sendo a criança um ser sócio histórico que se desenvolve através das relações sociais, a escola possui um papel importante neste desenvolvimento. Educar todos juntos possibilita o preparo para a vida em comunidade. E a diversidade em sala de aula proporciona a oportunidade de as crianças aprenderem umas com as outras desenvolvendo atitudes, valores e habilidades. Um ambiente, onde a criança é parte do grupo, promove a interação e a comunicação, facilita as amizades, desenvolve a sensibilidade, a compreensão e o respeito com a diferença.

A inclusão pressupõe também profissionais dispostos a mudar a prática pedagógica habitual tornando-a mais significativa, visando a melhoria da qualidade do ensino não só aos alunos com necessidades especiais, mas para todos do ensino regular.

Fiquei algum tempo pensando sobre por que a Brinquedoteca é importante para o processo de inclusão da criança portadora de necessidades educativas especiais na rede regular de ensino. Por que brincar é importante para a criança cega, surda, ou portadora de qualquer outra deficiência? Percebo que não poderei responder a essas indagações já que brincar é essencial ao ser humano. Pois, é exercendo a ludicidade que nos formamos humanos, sejamos portadores de necessidades especiais ou não.

Brincando a criança representa o mundo externo, interioriza e constrói o próprio pensamento.

Brincando a criança relaciona-se com os outros, promovendo seu desenvolvimento e a construção do conhecimento.

Brincando a criança constrói laços afetivos, incorpora valores, fortalece a auto-estima e a autonomia.

Brincando a criança expressa sua cultura e utiliza-se a cultura para brincar.

Brincando cria, inventa, constrói, transforma, experimenta...descobre, e participa do mundo.

Cabe a nós, educadores, oferecermos a todas as crianças não somente o direito ao acesso à educação como também respeitar e assegurar o direito de brincar.

Referências Bibliográficas

- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.
- BRASIL, Lei federal nº 7853/89, **Direitos das pessoas portadoras de deficiência**, Brasília, 1989.
- CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Maltese, 1994.
- CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedo desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos**. Rio de Janeiro: FAE, 1988.
- DECLARAÇÃO de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais. Brasília: s.l., 1994.
- DECLARAÇÃO Mundial sobre educação para todos. Conferência Mundial sobre Educação para Todos. 1990.
- ELKONIN, Daniil B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FONTANA, Roseli. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- FRANÇA-WAJSKOP, Gisela. O papel da brincadeira na educação de crianças. **Idéias**, São Paulo, nº 71, FDE, 1988.
- FRIEDMANN, Adriana et al.. **O Direito de Brincar: a Brinquedoteca**. São Paulo: Scritta, 1996.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: a brincadeira como elemento da cultura**. Trad. de João Paulo Monteiro. 2.ed., São Paulo: Perspectiva, 1988.
- KHISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- _____, **Jogos Tradicionais infantis – o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, RJ: Cortez, 1993.
- _____. (Org). **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- LIMA, Elvira Cristina de Azevedo Souza Silva. Utilização do jogo na Pré-escola. **Idéias**, São Paulo: nº 10, FDE, 1991.
- MACEDO, Lino de. Os jogos e sua importância na escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 93 p.5-10, São Paulo: Cortez Editora, maio, 1995.

MITLER, Peter, MITLER, Penny. Rumo à Inclusão. **Pró-Posições**, vol.12, n.2-3 (35-36), Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, jul-nov, 2001.

PASCOAL, Míriam. **O prazer na escola**. Campinas, 1998. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: sucata vira brinquedo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VILAR, Márcia Valéria. Brincando a criança aprende a ser autônoma. **O Brinquedista**: informativo bimestral da Associação Brasileira de Brinquedotecas. São Paulo, n.24, p.5, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 2.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.